

“FICCIONAR O QUOTIDIANO E O MUNDO DAS APARÊNCIAS” ENTREVISTA COM SUSANA PAIVA

DUARTE BELO*
dvartebelo@gmail.com

“[...] Aprendi que o artista não vê apenas. Ele tem visões. A visão vem acompanhada de loucuras, de coisinhas à toa, de fantasias, de peraltagens. Eu vejo pouco. Uso mais ter visões. Nas visões vêm as imagens, todas as transfigurações. O poeta humaniza as coisas, o tempo, o vento. As coisas, como estão no mundo, de tanto vê-las nos dão tédio. [...]”
— Manoel de Barros

Sobre Susana Paiva

Susana Paiva nasceu em Moçambique, em 1970. Estudou Psicologia na Universidade de Coimbra entre 1988 e 1993. Nessa cidade colabora com o Centro de Estudos de Fotografia e nos Encontros de Fotografia, na altura o principal evento realizado em Portugal na área da Fotografia. Trabalhou como fotojornalista em diversas publicações periódicas. Expõe, individual e coletivamente, desde o início da década de 1990 tanto em Portugal como no estrangeiro. A par da sua atividade criativa em torno da fotografia, em que a palavra está muito presente, assume, com muita regularidade, o ensino da Fotografia como uma componente fundamental no seu processo de partilha e de envolvimento da comunidade em que se insere.

Entrevista com Susana Paiva

Duarte Belo: Que relação, de proximidade ou afastamento, vê entre a fotografia e a palavra escrita, o discurso verbal, eventualmente, a literatura?

Susana Paiva: Considero a minha criação fotográfica uma forma de escrita poética, mais próxima da obra de alguns escritores, como Manoel de Barros, do que da maioria dos autores que operam, classicamente, no campo da construção visual.

Na minha prática artística parto frequentemente de material literário, matéria que alimenta o meu imaginário e que me suscita sempre o desejo de criar. São normalmente as palavras, e a(s) sua(s) subtileza(s), que me seduzem e se revelam importantes catalizadores da minha criação.

^{1*} Fotógrafo, trabalhador independente. ORCID: 0000-0002-4987-9488

Reconheço na palavra escrita o mesmo potencial das imagens fotográficas - são fragmentos-potência, como diria Gonçalo M. Tavares.

Na poesia encontro o espaço de transgressão linguística de que tanto necessito nas minhas imagens, criadas como espaços de ficção onde a linearidade não habita.

Há muito que me libertei da ideia de uma fotografia “espelho do mundo”, dado que a mimese não me interessa particularmente. Aprendi a “transver o mundo”, expressão de Manoel de Barros que tanto aprecio, na procura da essência de um mundo mais interior do que, naturalmente, visível. São as invisibilidades desse mundo que mais me interessa materializar em imagens.



Fig. 1 Susana Paiva, s/ título, s/ data

DB: O que pode ser, como se pode afirmar, um trabalho criativo numa contemporaneidade em que há uma cada vez maior massificação da imagem fotográfica?

SP: Penso que teremos que começar por aceitar a impossibilidade de afirmação, entendida como reconhecimento da eventual qualidade intrínseca do nosso trabalho, ou qualquer forma de mérito pessoal, num universo tão saturado de imagens como aquele em que a contemporaneidade nos mergulhou.

Não creio que exista futuro para muitas das imagens que hoje se produzem, pois seria necessário que muitos investigadores se interessassem, ainda que por uma ínfima parte desse material, para que algumas dessas criações se inscrevessem numa futura história da fotografia.

Apesar deste cepticismo crítico continuo a criar, como um eterno testemunho de esperança, para os leitores ainda por vir. Para mim é importante assumir a necessária resiliência como uma forma activa de resistência a *l'air du temps*.

DB: Como sobrevive um criador, um trabalhador da expressão visual, num tempo em que a arte, fora dos circuitos internacionais de grande valor acrescentado, parece adquirir uma dimensão cada vez mais irrelevante?

SP: A resposta é inevitável e muito pragmática – um criador sobrevive mal em qualquer sistema onde a validação externa seja o único factor e garante de sobrevivência, quer anímica quer financeira.

Há muito que teria desistido de criar se não pudesse contar com alguma resistência psicológica, muita imaginação e o imprescindível apoio de todos os que acreditam no meu trabalho e me ajudam a prosseguir.

Tenho dedicado muito tempo a auxiliar outros criadores, a finalizar e comunicar as suas criações, exactamente por compreender a fragilidade e precariedade deste território de criação onde as margens, entendidas como periferias, são mais vastas do que o centro. Acredito que a valorização da prática artística, em qualquer área, passa também pela consciência do valor do trabalho artístico, não apenas por parte dos criadores, mas também de todos os seus interlocutores e públicos.

Num sistema onde o mérito do criador não é variável decisiva para a obtenção de meios financeiros para a criação, e onde os decisores perpetuam modelos e sistemas fechados, creio que a melhor possibilidade de sobrevivência reside na insistência de práticas de modelos mais sustentáveis para cada um dos criadores e na fundamental partilha dessas mesmas possibilidades com todos os que, desenvolvendo trabalho sério nesta área, desejam co-construir sistemas mais abertos e justos.



Fig. 2 Susana Paiva, *s/ título, s/ data*

DB: Com um trabalho extenso e consolidado como o seu, o que é, o que significa no contexto da sua produção artística, um arquivo fotográfico pessoal?

SP: Compreendi, recentemente, o valor do meu arquivo fotográfico pessoal ao convocar algumas das suas possibilidades no âmbito de um projecto performativo em torno da imagem – “Anatomia de uma imagem, uma criação pessoal apresentada, em Agosto 2018, no Festival CITEMOR.

Sempre me preocupei com a conservação e catalogação básica das minhas imagens, sobretudo as analógicas, mas nunca havia revisitado o meu arquivo à procura de novas ligações e possibilidades narrativas, desta feita em absoluta descontextualização dos referentes iniciais.

Adquiri a consciência da importância desse arquivo e, neste momento, desejo muito poder regressar a ele como material de base para novas criações.

Confesso que gostaria muito de o conseguir organizar de uma forma mais sistemática e transversal, já que a minha produção digital, maioritária desde 2013, não se encontra satisfatoriamente organizada.

Gostaria ainda de poder convocar para esta resposta uma pequena referência sobre o arquivo pessoal do fotógrafo Duarte Belo, um exemplo de organização que muito admiro e que, de certa forma saudável, invejo.

Penso que o arquivo pessoal de um fotógrafo, que desenvolve trabalho sério e intencional há quase três décadas é, indubitavelmente, de um enorme valor.

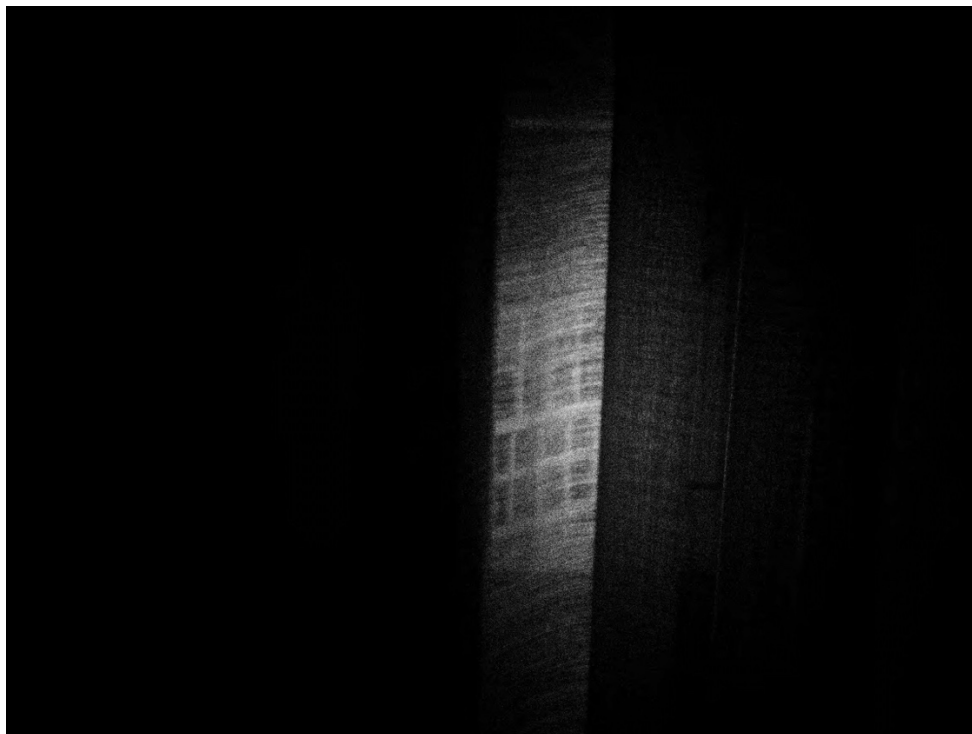


Fig. 3 Susana Paiva, *s/ título, s/ data*

DB: Há uma fotografia, uma palavra derradeira? Que limite para a expressão gráfica do pensamento?

SP: Creio que o(s) limite(s) para a [nossa] expressão gráfica são o nosso próprio pensamento e imaginação.

Todos os criadores são seres transformadores, imaginando por operações sucessivas de transformação do seu próprio imaginário, composto por todas as nossas experiências e vivências no mundo, e assim criando novos horizontes para a nossa expressão artística.

Pensar num limite tangível para a minha expressão gráfica do pensamento seria traçar uma indesejável meta numa infundável recta da criação, uma pequena traição para quem acredita na criação como uma forma de vida, tendo como objectivo uma permanente auto-superação.

Trabalho no território das imagens para, citando o poeta Manoel de Barros, “transver o mundo” e se tivesse que traçar uma meta para a minha prática diria que seria manter o meu olhar eternamente jovem, com capacidade de renovado deslumbramento.

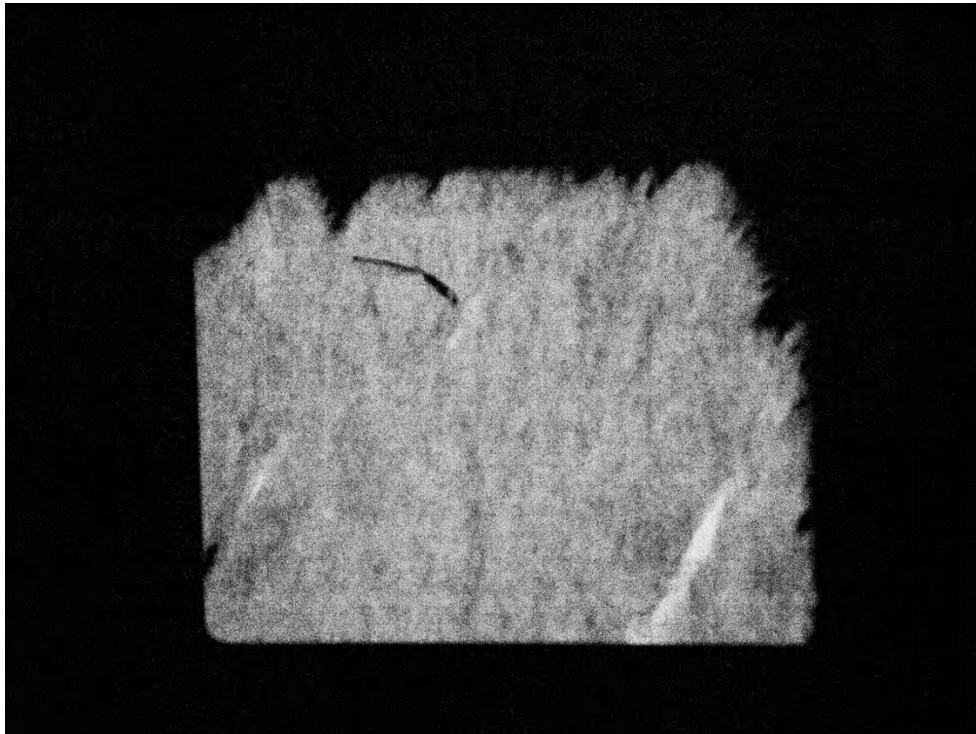


Fig. 4 Susana Paiva, *s/ título, s/ data*

DB: Há teatralidade na imagem fotográfica? Como é que a fotografia se relaciona com o real, com aquilo que pretende revelar, ocultar, eventualmente?

SP: Muito embora não recorra à encenação das minhas imagens, considero que as mesmas são eminentemente teatrais dado que são tentativas de ficcionar o quotidiano e o mundo das aparências. São, não raras vezes, representações dentro de um sistema codificado de outras representações, tal como o teatro.

Há muitas relações possíveis entre a fotografia e o que percebemos como sendo o real mas, ao longo do tempo, a minha abordagem foi-se afastando de uma certa necessidade de ancorar o olhar no referido real. Edifiquei-me, enquanto autora, no território da fotografia do espectáculo e esse universo inscreveu em mim uma marca indelével. Descobri grande parte das possibilidades da fotografia que crio e imagino em torno dos muitos palcos e bastidores nos quais fotografei.

Procuro agora, com mais frequência, estratégias visuais que ocultam mais do que revelam. São, de certa forma, as visões a que se refere Manoel de Barros, no texto supracitado.

DB: Tendo a Susana uma componente pedagógica forte presente no seu trabalho, como se ensina, como se transmite o saber fotográfico? Como se comunica a própria vida?

SP: Acredito que o que ensino é sobretudo a possibilidade de descoberta do poder de sedução e do fascínio das imagens, mais do que uma transmissão de um saber técnico ou tecnológico.

A vida, tal como a fotografia, pode sempre ser partilhada, comungada, entre todos os que compreendam e respeitem o valor da criação e da co-construção.

Não estou certa de como se comunica a vida, mas creio que é sempre possível comunicar-se a paixão pela mesma.



Fig. 5 Susana Paiva, *S/ Título, s/ data*

DOI: 10.21814/2i.3751